

Veja! O PT e a história de uma tragédia política.

Maxlander Dias Gonçalves*

Resumo: O presente artigo toma por base a edição nº1923 (21 de setembro de 2005) da revista *Veja* cuja manchete de capa traz os dizeres: “PT... era vidro e se quebrou. A história de uma tragédia política”. De acordo com o semanário da Abril o partido padece de um erro de origem, pois nasceu assentado sobre dois equívocos. O primeiro foi ter sido criado sob o signo do socialismo. O segundo, ter acreditado no mito do proletariado. Relembrar fatos que marcaram negativamente os primeiros anos do governo Lula e ensinar o fim do PT é um dos principais objetivos da presente reportagem. Já o artigo pretende refletir, a partir do número a ser analisado, sobre as relações de poder, a construção do discurso, o cenário de representação da política e a maneira como vem sendo arquitetada a imagem do PT no decorrer dos anos, em especial, com a ascensão da agremiação ao ponto mais alto do cenário político brasileiro.

Palavras-chave: Revista *Veja*, PT, Relações de Poder.

INTRODUÇÃO

Durante toda a vida nós consumimos e reproduzimos comunicação. A sociedade se constitui e se consolida com base nas trocas de conhecimento, nas trocas simbólicas, nas trocas de mercadorias, que, como bem sabemos, também são comunicação. Todo ato, gesto ou escolha traz consigo linguagens, significados e, comunicados. Nada do que temos ou conhecemos atualmente existiria fora do universo das trocas comunicativas. Descartarmos esta possibilidade nos levaria a crer que a humanidade já nasceu pronta, acabada, e, possivelmente, estaríamos fadados a eterna reprodução de uma ordem dada, o que não é o caso. Vivemos em uma constante disputa no espectro social, no que tange às idéias, comportamentos, times de futebol e partidos políticos. São as relações de poder que nos rodeiam, nos promovem e/ou nos cerceiam.

Este artigo tem por justificativa maior a preponderância tanto da *Veja* quanto do PT no cenário político e no imaginário social brasileiro. Por conta da penetração e crescimento de ambos junto à opinião pública é significativo reconhecê-los e, em especial, enxergar um retrato do PT (re)tratado na revista. O papel de quem media é interessante e nos fará perceber quais estratégias são utilizadas pela revista a fim de informar sobre o partido e o governo do PT.

* Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo.

A revista *Veja* e o partido dos trabalhadores fazem parte da história recente do país. Ambos nasceram com o intuito de se tornarem grandes e os anos e as condições históricas lhes possibilitaram isto. Sem sombra de dúvidas a *Veja* trouxe, em suas mais de 2.000 edições, variadas idéias que traduzem uma forma de enxergar os problemas nacionais e as soluções para estes. Concomitantemente, o PT, em mais de 25 anos, carregou consigo uma série de ideais que balizaram a sua maneira de agir e seu intuito de democratizar a sociedade brasileira, socializando o acesso e a renda.

O discurso da fiscalização daquilo que é de interesse público tem norteado o trabalho da imprensa moderna. Destarte, *Veja* tem procurado levar informação ao seu leitor de modo tal que estes possam se sentir preenchidos pela notícia. Matérias carregadas de comentários são consideradas importantes para o total entendimento do tema pelo seu público alvo. Há uma reciprocidade no que tange ao informar/estar informado e produto revista/público consumidor.

Da mesma maneira o PT tem buscado atingir, através de suas táticas e estratégias, as camadas sociais brasileiras com um discurso de mudança. Os seus militantes vêem no partido um instrumento de transformação. A atuação não só nos momentos de eleição marcou o PT como uma agremiação preocupada com a formação dos seus. Há uma reciprocidade entre militantes simpatizantes/partido para que objetivos sejam alcançados.

Dentre as muitas histórias contadas na/por *Veja* podemos elencar uma série de reportagens com o foco no PT. O partido fundado na contramão da história política brasileira foi diversas vezes questionado pelo semanário quanto ao seu programa partidário, governo e sua maneira de administrar. Neste artigo, a partir da edição de nº 1923, veremos como a revista procura recontar a história do PT, questionando, deste modo, os seus princípios e percursos, buscando explicar quais os motivos dos seus percalços e o que precisa ser feito para consertar os muitos estragos na imagem do partido.

O DISCURSO JORNALÍSTICO

A obra de Michel Foucault influenciou (e continua influenciando) as várias áreas do saber. No que diz respeito ao jornalismo, a sua noção de discurso, saber e poder estão mais do que nunca presentes. Um exemplo vem das reportagens e artigos de economia. Uma matéria sobre o crescimento de determinada multinacional, as vantagens que terão os que comprarem suas ações e a palavra final de um economista reafirmando sobre a tendência de crescimento

deste tipo de investimento nos próximos meses, de certo modo, fortalece a imagem da empresa inclusive quando o cenário é de crise. Nas palavras de Eugênio Bucci,

O discurso jornalístico é um fator ordenador daquilo a que chamamos [...] de realidade. Ora, e o que é a realidade, senão aquela que é dada pela mídia – ou pelas reações à mídia, o que dá no mesmo? O que é a realidade senão a composição de sentidos e significados tal como ela pode acontecer nos termos da comunicação social?¹

O discurso jornalístico enseja uma verdade que se solidifica a cada momento. O exemplo da violência nas grandes cidades é fantástico. Nos momentos de “crise” (quando ônibus são queimados, crianças esfaqueadas, jovens trucidados, bolsas de valores operam em baixa), milagrosamente, passamos a experimentar, a viver uma realidade que muitas das vezes não é nossa. Pautamos as nossas ações, traçamos o nosso itinerário, modificamos os nossos hábitos baseados nas notícias propaladas pela mídia ou por qualquer outro meio (inclusive o boca-a-boca). A corrupção só passa a nos revoltar quando ela está lá, estampada na capa do semanário nacional. Fora isso nós nem saberíamos o que é, ou melhor, o que foi o “mensalão”. Para ser sincero, muitos de nós continuamos sem saber, porém ele passou a fazer parte do nosso vocabulário diário. Na verdade o termo em si foi alcunhado para designar algo que, segundo propala a imprensa, nunca havia ocorrido no país e, de certa forma, ele é sinônimo de tudo aquilo que é ruim na política, colocado em prática por um partido ainda pior. A cena – construída inicialmente para um presidente com a cara do Brasil onde o sujeito que fez a esperança vencer o medo é o ator principal – ganha sempre um novo contorno, novos capítulos, que nos mostrarão quem realmente os petistas são, segundo a *Veja*.

[...] a visibilidade diz respeito ao espetáculo e o espetáculo atrela-se à cena. Quanto a esta, há sempre um preparo para que dela se possa participar, sempre um requisito pontilhado de rituais. Há sempre um maquiamento, ainda que metafórico, para que possamos entrar em cena e conviver com o cenário que nos é colocado.²

Quando o assunto é política, o fato relatado remete sempre a algo peculiar. Caixa preta, difícil de ser abarcada, a máquina pública traz consigo uma série de compreensões que nos escapam. De certa forma, a atuação da mídia busca esmiuçar os eventos para que o entendimento do público possa ser ampliado. Contudo, sabemos que a forma como tudo é

¹ BUCCI, Eugênio. O jornalismo ordenador. In: GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

² GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003. p.75.

apurado, editado e apresentado denota sentidos, propõe símbolos, gera significados dos mais diversos no ser humano.

O mundo a ser vivido lhe é apresentado numa configuração abrangente, direcionando o entendimento e assinalando prioridades. [...] O sujeito assim subsumido à ordem simbólica se coloca em construção, construção de sua subjetividade nos discursos que organizam as relações sociais e os saberes de sua época.³

Na verdade, não se trata de manipulação – mesmo que o homem esteja ali, a lidar com um objeto, a notícia, e fazer dele o que bem entender. “Trata-se sempre de narrativizar os modos sociais com o intuito de nos brindar com um entendimento.”⁴, entendimento esse que permite à sociedade, ao ser humano e suas subjetividades o se enxergar como tal. Assim, um controle que mais e mais se inscreve em nossos corpos, outrora na pele, atualmente na mente, é exercido. De acordo com Gomes⁵, onde há discurso, existem palavras de ordem, disciplina e controle alimentados por ele e que lhe servem de alimento.

[...] são as coisas mesmas e os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência. O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado o seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.⁶

VEJA: O CENÁRIO DE REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA (CR-P)

O conceito de Cenário de Representação da Política (CR-P) reconhece que a mídia, globalizada, oligopolizada, difusora de conhecimentos e cultura, é um objeto fundamental de análise para a compreensão do poder político no mundo contemporâneo. Desde já é importante ressaltar que poder político, no sentido proposto aqui, não é um objeto ou uma coisa possível de ser medida, tateada ou encontrada. Ele é exercido pelo Executivo ou Legislativo por conta de um processo eleitoral democrático constituído que lhe delega uma série de funções. Mas ele não é o PODER.

³ Ibid., p.33.

⁴ Ibid., p.75.

⁵ Ibid., p.103.

⁶ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14ª ed. São Paulo : Edições Loyola, 2006. p.49.

Segundo De Lima⁷ três conceitos bastante presentes nas ciências humanas são o ponto de partida para a constituição do CR-P. O primeiro é o imaginário social, seguido da cultura política e por último a hegemonia.

A influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica é de importância capital o controle destes meios [...].⁸

Já o conteúdo da cultura política é determinado pela socialização da educação, das experiências pedagógicas de uma forma geral que acabam por nos colocar em contato com a estrutura e o desempenho social, econômico e do governo. “A cultura política afeta a estrutura e o desempenho político e governamental; os constrange, mas certamente não os determina”.⁹

Estes dois conceitos iniciais referem-se ao local das construções simbólicas. Os símbolos, no caso, têm a capacidade de ser a representação “da” e “para” a realidade. “Como ‘símbolos da’ elas [formas simbólicas] tornam a realidade presente; e como ‘símbolos para’ elas criam a mesma realidade que tornam presente”.¹⁰ Na verdade, o conceito de hegemonia elaborado por Gramsci também se assemelha ao último, conforme Williams, apud De Lima,

Hegemonia é todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nosso senso e alocação de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido – constituído e constituidor – de significados e valores que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso da realidade absoluta, porque experimentada [...].¹¹

Tomando o conceito de hegemonia gramsciano como referência teórica básica encontramos-nos junto ao CR-P. Por cenário entende-se como sendo o espaço onde ocorre algum fato, a ação ou parte da ação de uma prática qualquer. Já a representação quer dizer não só uma realidade refletida, mas também, em se tratando de mídia, uma realidade constituída.

Nos ‘cenários de representação’ [...] é que são construídas publicamente as significações relativas aos gêneros (masculino/feminino), às etnias (branco/negro/amarelo), às gerações (novo/velho), à estética (feio/bonito), à violência, à modernidade etc...¹²

⁷ DE LIMA, Venício A. **Mídia Teoria e Política**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.p.177.

⁸ BACZKO, apud De Lima, 2004, p.179.

⁹ ALMOND, apud De Lima, 2004, p.180.

¹⁰ BACZKO, apud De Lima, 2004, p.184.

¹¹ Williams, apud De Lima, 2004, p.180.

¹² DE LIMA, op. cit., p.182, nota 7.

O que diferencia o conceito de CR-P do de hegemonia na contemporaneidade é a peculiaridade da mídia nos processos de representação. Segundo De Lima, “as ‘representações’ que a mídia faz da ‘realidade’ (*media representations*) passam a constituir a própria realidade”¹³ e a mídia acaba por definir e delimitar o próprio espaço da representação da realidade política no mundo contemporâneo.

Concomitantemente, De Lima¹⁴ ressalva que é na TV, veículo historicamente constituído e difundido como meio de comunicação dominante por todo o país, que as hipóteses relacionadas ao CR-P podem se confirmar. A televisão que elimina a presença física do espectador, que dificulta a distinção entre a ficção do real e que faz da imagem a nossa certeza possui, sem dúvida, um apelo muito grande. Todavia queremos ressaltar que na mídia centralizada, monopolizada, de hoje, não há mais espaços para uma divisão tão visível das notícias em cada meio. Estabelecer a importância de cada veículo pode até ser sensato, mas não resolve o problema da unilateralidade das matérias, principalmente no que se refere à política, já que muitas vezes os assuntos parecem se repetir (não vemos contrapontos) e reverberar em cada meio. Ainda mais quando o ator em cena é o PT.

PT: A TRAGÉDIA POLÍTICA

A revista *Veja* nº1923 fala do PT do início ao fim. Na Carta ao leitor (que é o editorial – parte cuja opinião da revista está explícita) é possível ler:

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Nelson Jobim, [...] concedeu uma liminar que impediu que o Conselho de Ética abrisse processo contra seis deputados do PT acusados de participação no esquema do mensalão. Aproveitando-se dessa brecha, outros deputados envolvidos na bandalheira também pediram o benefício – inclusive aquele que é o mentor intelectual do festim, José Dirceu.¹⁵

É importante notar como em meio a tantos “deputados envolvidos na bandalheira”, destaca-se o PT e o nome de uma figura política de peso no cenário nacional: José Dirceu. Um dos idealizadores e fundadores do partido, Dirceu neste mesmo período havia deixado o cargo de ministro chefe da Casa Civil por conta de denúncias de que ele era o “mentor intelectual do festim”, o idealizador do mensalão – palavra que já não mais aparece entre aspas, pois já se solidificou como termo recorrente. O nome de José Dirceu aparecerá em um

¹³ Ibid., p.186.

¹⁴ Ibid., p.185.

¹⁵ Revista VEJA, edição 1923, ano 38, nº38. São Paulo: Abril, 21 de setembro de 2005.p.9.

outro momento como um dos fundadores da tragédia política que é o PT. Por hora, nos concentremos na sessão Cartas. Alexandre Lustosa de Goiânia (GO) comenta:

Após ler a reportagem “O Brasil desarmou a bomba” [nº1922, 14 set. 2005], pude constatar o seguinte: se o PT tivesse conseguido seu intento de não aprovar a Lei de Responsabilidade Fiscal, além do suicídio cometido por causa da corrupção entranhada em seu governo, teria causado também o maior desastre da história recente do Brasil, levando para a lama toda a economia do país.¹⁶

O comentário desse leitor é pertinente no que diz respeito ao discurso da revista não só na edição passada, mas também nesta edição. A corrupção, como algo “entranhado no e inerente ao” governo do PT (que, lembre-se bem, é uma tragédia política) mostra como uma prática recorrente na política brasileira, passa a ter DNA, ou seja, um gestor: o próprio partido dos trabalhadores. Adalberto Alves de Matos de Barra do Garça (MT) complementa: “Não resta dúvida que o Brasil funciona apesar do PT”. Todavia, é o leitor Fabrício Rocha de Sousa de Pedro Afonso (TO) quem nos traz um dos discursos mais eloqüentes, reflexo do que temos buscado ensinar aqui, ao nos referirmos à Foucault. “Com todos esses resultados positivos em relação à política econômica, é imperativo que a imprensa aguace ainda mais seu dever de fiscalizar os políticos e expor a verdade à sociedade” (p.30).

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.¹⁷

Nesta declaração, algumas questões são postas às claras. Partindo do exemplo deste leitor em particular percebemos como a imprensa, (re)produtora da verdade que, como ressalta Foucault¹⁸, é uma espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada por conta do longo cozimento da história, usufrui de um saber que lhe delega poder. No entanto,

¹⁶ Ibid., p.30.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 23ª edição. Rio de Janeiro : Edições Graal. 1979. p.14.

¹⁸ Ibid., p.19.

O problema não é mudar a "consciência" das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder - o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder - mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.¹⁹

Nada fácil, com certeza, mas a possibilidade ensejada por Foucault nos serve de bom prenúncio. Na coluna Holofote²⁰, uma nota intitulada armas do presidente comenta sobre os dois revólveres que Lula possui: “As armas foram adquiridas quando ele ainda era líder sindical e foi avisado de que corria o risco de sofrer um atentado. O palácio do Planalto, para variar, nega a existência dos revólveres”. Em plena campanha do desarmamento o presidente continua a dar mau exemplo.

Das 16 notas na sessão Radar, cinco falam sobre o PT ou o presidente. Nenhuma delas têm algo bom a dizer sobre o partido. É bom lembrar que em nenhum momento a revista faz distinção entre governo e partido. À noite, todos os gatos são pardos, talvez dissesse o editor. “O que conversam Lula e Dirceu?”

Lula e José Dirceu continuam em contato direto. Pessoalmente, não se encontram há mais de um mês. Mas eles têm conversado com alguma frequência pelo telefone. Como Dirceu tem pânico de grampo, fazem uma complexa operação antigrampo para garantir o sigilo das conversas.²¹

Uma aura de segredo paira no ar. Nada de aparecer em público com Dirceu para não manchar a imagem do presidente. Contudo isto não importa, pois a *Veja* sabe que eles mantêm contato por telefone constantemente. Em um momento de crise política, o que os dois têm a esconder? Por que José Dirceu tem medo de grampo? Tire suas próprias conclusões.

Em *Veja* Essa novamente o PT e Lula entram na pauta mais de uma vez. Este quadro expõe a fala de uma determinada personalidade. Em seguida, o desfecho é feito a partir de uma legenda com um comentário da revista. “Este é o governo mais corrupto que já testemunhei nos meus 23 anos de mandato, o governo do presidente Lula” (palavras do deputado federal cassado Roberto Jefferson).

A manchete de capa se encontra na página 44 e vai até a 51. “DA UTOPIA AO CAOS” – assim mesmo, em letras garrafais – é o título. Na foto, Luiz Gushiken, José Dirceu e Lula sorridentes em uma imagem da época da campanha Diretas Já (1984) e uma outra, atual,

¹⁹ Ibid., p.19.

²⁰ Revista VEJA, op. cit., p.36, nota 15.

²¹ Ibid., p.38.

no momento anterior à crise política. O subtítulo, “Como o PT forjou sua derrocada: do nascimento apoiado no equívoco socialista e no mito do líder operário ao esfacelamento de seu patrimônio ético e à chegada ao banco dos réus”²² nos insere em um cenário para lá de bem arquitetado. Na seqüência, os comentários de como será administrar uma massa falida – já que a eleição para o Diretório Nacional do partido estava próxima – se repetem. Preparando o terreno para o próximo pleito eleitoral Marcelo Carneiro e Juliana Linhares (repórteres da matéria) escrevem com base em um presságio de uma cientista política, ou seja, aquela que detém um saber sobre um determinado assunto.

[...] as perspectivas para as eleições de 2006 são, na mais otimista das hipóteses, dramáticas. A cientista política Lúcia Hipólito estima que as bancadas do partido na câmara dos Deputados e nas assembleias legislativas dos estados devam minguar em, pelo menos, um terço. À massa vencedora das eleições deste domingo, portanto, restará pouco mais do que a melancólica missão de administrar uma massa falida.²³

Com base nos escândalos políticos que se amontoavam sobre o PT, o discurso explicitava que a ruína havia se dado em tempo recorde. Em apenas 100 dias todo patrimônio ético do partido veio abaixo. “Uma edificação não vai ao chão em tão pouco tempo a menos que seus alicerces estejam podres. É o caso do PT”²⁴. Deste ponto em diante, a tal tragédia política ressaltada desde a capa passará a ter um fundamento: o socialismo, a utopia marxista.

No momento em que a China se abria para o capital estrangeiro e a URSS caía praticamente junto com o Muro de Berlim, o partido dos trabalhadores “divulgava manifestos pregando a ‘solidariedade à luta de todas as massas oprimidas do mundo’ e aos ‘explorados pelo capitalismo’. Do ponto de vista ideológico, portanto, o PT já nasceu póstumo”²⁵. Uma análise minuciosa sobre estas palavras nos fará novamente recordar Michel Foucault, pois o mesmo discurso que nega uma verdade é o mesmo que celebra uma outra, sendo que “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, poder do qual nos queremos apoderar”.²⁶

Um outro fundamento do fracasso petista para *Veja* está na própria constituição da figura do operário Lula como mito. “Movido pela ambição pessoal, Lula [...] embarcou gostosamente na aventura leninista”.²⁷

²² Ibid., p.44.

²³ Ibid., p.45 e 46.

²⁴ Ibid., p.46.

²⁵ Ibid., p.46.

²⁶ FOUCAULT, op. cit., p.10, nota 6.

²⁷ Revista VEJA, op. cit., p.47, nota 15.

Ambição pessoal? Conforme Leôncio Martins Rodrigues (sociólogo que neste momento dá subsídios, saber, para o discurso da revista) “Os intelectuais achavam que Lula seria um tapete mágico capaz de levá-los à revolução. Já Lula via nos acadêmicos outro tipo de tapete, aquele que poderia ajudá-lo a chegar ao poder”²⁸. Segundo *Veja*, os intelectuais deixaram o partido, “fruto da percepção da realidade”. Entretanto, as exceções persistem. Marilena Chauí é uma delas. A despeito de ter afirmado que o PT foi um dos principais construtores da democracia neste país, *Veja* comentou:

Na semana passada, a filósofa Marilena Chauí, uma das principais ideólogas do PT, rompeu, da pior maneira possível, o silêncio obsequioso que vinha mantendo até então, a pretexto de ‘entender a crise’. A filósofa declarou ter ‘descoberto’ o motivo pelo qual se tem ‘tanto ódio do PT’. [...] Não há, para os que têm na razão e no pensamento a matéria-prima de seu trabalho (como é o caso da filósofa), nada mais deletério do que se deixar levar pela paixão cega. Ao incorrer nesse erro, Marilena Chauí abre mão do título de pensadora para se tornar uma séria candidata à vaga de Velhinha de Taubaté [...].²⁹

Uma desmistificação do partido é feita a cada palavra, a cada parágrafo, a cada foto. Quadros mostrando “Os 100 dias que abalaram o PT” (p.46 e 47), “Os Antitudo” – que se referia as tendências de esquerda dentro do partido – (p.48 e 49) e um gráfico com o título: “O pior momento do presidente” (p.51) montam este cenário a ser enxergado, vivido por todos nós. Não obstante, do “Sonho ao Pesadelo” (p.50) declara no subtítulo que “O PT nasceu de uma idéia equivocada, cresceu de modo esquizofrênico e agoniza em meio a acusações de corrupção”. Discurso mais enfático impossível.

Por fim, a eterna dicotomia cultivada pelo PT entre os ideais socialistas e o mundo real fez com que o partido deixasse de cumprir aquele que poderia ter sido o seu papel – contribuir para a consolidação de um sistema político em que os rótulos de esquerda e direita não cabem mais.³⁰

O ápice da cena chega ao seu final com uma boa notícia em meio a tantas ruínas. *Veja* encerra o seu discurso dando ênfase novamente à fala de um especialista, o filósofo José Arthur Gianotti. “Não amadureceríamos se não queimássemos as ilusões petistas, diz Gianotti. Nesse sentido, a gangue que tomou de assalto o PT não poderia ter facilitado mais o trabalho”³¹. A matéria principal chega ao fim, mas o martírio petista está longe de acabar. Nas

²⁸ Ibid., p.47.

²⁹ Ibid., p.48.

³⁰ Ibid., p.49.

³¹ Ibid., p.51.

páginas 92 e 93 o título “Um fiasco Mundial” relata que “O escândalo do mensalão esconde a mais desastrosa política externa da história brasileira”.

Do assento permanente no Conselho de Segurança da ONU ao fracasso da força de Paz no Haiti, tudo é um desastre para *Veja*, assim como nas páginas 106 e 107, onde uma reportagem sobre exploração e comercialização ilegal de madeira para bancar campanhas petistas relata que “O caso foi parar na CPI da Biopirataria, da Câmara dos Deputados, e, depois de dois meses, não só se confirmaram as irregularidades como também se descobriu um sistema organizado de pilhagem da floresta [...]”. Os envolvidos no caso: duas pessoas do PT.

CONCLUSÃO

Os exemplos se acumulam a cada edição da revista *Veja*. A nº1923 é apenas um caso mais claro de arquitetura de um discurso onde o ator principal, no caso o PT, está em cena para ser extirpado. Os ideais que marcaram sua fundação retornam ao palco para serem clamorosamente negados e distorcidos. Sob o olhar da revista, o que foi produzido pelo partido não tem valor. Para *Veja*, seus intelectuais – como a respeitada filósofa Marilena Chauí – sofrem de algum mal já que não conseguem refletir da mesma maneira que a revista reflete.

Fica bastante claro no discurso de *Veja* que o que deve ser abandonado é o ideário arcaico e inosso do socialismo tão defendido pelo partido de Lula. Negar a validade da teoria marxista e as experiências comunistas mundo a fora é também um dos objetivos da matéria. Mesmo que o partido, desde a sua fundação, tenha negado ser defensor do comunismo a lá URSS, para o semanário da Abril isso não faz diferença. Esquerda, socialismo, comunismo são arcaicos demais para a contemporaneidade e são a base do alicerce frágil, já em ruínas, do PT.

De fato, no ano de 2005 a revista *Veja* foi uma das principais opositoras políticas do governo Lula. Procurou a cada edição derrubar o presidente com notícias, às vezes, infundadas e reportagens, até certo ponto, forjadas. Neste estudo de caso, por exemplo, a comprovação de que o jornalismo de *Veja* é uma ilusão é provado facilmente. Jornalismo pressupõe ouvir os dois lados. No caso de *Veja* isto está fora de cogitação. Apesar de o principal assunto ser o PT, a única figura do partido a dar entrevista ao veículo é Roberto Schwarz. Sua fala contém apenas 6 palavras, está deslocada e ainda com duplo sentido. De resto, o que sobra são frases de acusação e de depredação da imagem do PT – tudo muito bem

narrado pelo repórter de *Veja* – e figuras do meio acadêmico dispostas a corroborar com a matéria a ser escrita. Paulo Ghiraldelli Jr., em seu blog, relata uma situação um tanto quanto cômica acerca de uma entrevista negada ao semanário da Abril.

Uma jornalista de lá da redação ligou para minha casa. Ela queria me convencer de que estava havendo uma ideologização nas escolas, que todo professor era marxista etc. Quando eu disse para ela que eu não via a educação brasileira por essa ótica, ela tentou de toda maneira que eu desse uma entrevista para ela, mas falando o que ela queria ouvir. Ou seja, ela queria o meu aval de filósofo, de pesquisador e escritor para a idéia de uma reportagem feita antes mesmo de qualquer investigação empírica.³²

Na lógica atual, onde os meios de comunicação assumem cada vez mais o papel de informador (e, por conseguinte, formador) das pessoas, fica claro que para se vender, comprar, votar e viver, é preciso estar bem amparado, possuir critérios claros de avaliação, logo, é preciso informação. E nos meios onde circulam essas informações estão as palavras de ordem que nos dizem o que é necessário pensar, guardar ou subtrair. Essas palavras estão nos jornais, na web, no rádio e TV sugerindo, em todo tempo, normas, condutas e posturas a tudo e a todos. Pensando o discurso por esta ótica, perceber-se-á que, de fato, o que a *Veja* faz passa longe do jornalismo idealizado e ensinado dentro da academia (isso não chega a ser um demérito), se aproxima da publicidade (mostrando apenas as benesses do seu produto), todavia, por seu viés político (sendo essa sua especialidade desde 1968), se parece demais com um panfleto ideológico. Daqueles que ela tanto critica, porém, em outro tom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCCI, Eugênio. O jornalismo ordenador. In: GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo: Hacker Editores. Edusp, 2003.

DE LIMA, Venício A. **Mídia Teoria e Política**. 2ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 14ª ed. São Paulo : Edições Loyola, 2006.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 23ª edição. Rio de Janeiro : Edições Graal. 1979.

³² GHIRALDELLI JR., Paulo. Hobsbawm está triste, e a Veja maluca. Disponível em: <<http://ghiraldelli.blogspot.com/2007/10/hobsbawm-est-triste-e-veja-est-maluca.html>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo : Hacker Editores. Edusp, 2003.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Hobsbawn está triste, e a Veja maluca**. Disponível em: <<http://ghiraldelli.blogspot.com/2007/10/hobsbawm-est-triste-e-veja-est-maluca.html>>. Acesso em: 27 dez. 2007.

Revista VEJA, edição 1923, ano 38, nº38. São Paulo : Abril, 21 de setembro de 2005.

VILAS BOAS, Crisoston Tertio. **Para Ler Michel Foucault**. Imprensa Universitária da Ufop. 1993.